

FATOS E NOTAS

OS PRIMÓRDIOS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO

Disciplina: História Americana.

Universidade é uma organização destinada ao ensino superior, composta de um número variável de escolas e faculdades. Elas, as Universidades, surgiram na Idade Média, e, já no século XII, na Europa, os que nelas se graduavam podiam lecionar em qualquer lugar, donde o nome por que foram chamadas: *Studia Generale*.

Não havia pluralidade de cursos, como nas Universidades modernas, sendo que algumas se celebrizaram pelos estudos de medicina, como a de Salerno, ou estudos jurídicos, como a de Bolonha, ou o estudo da dialética, como a Universidade de Paris.

Como decorrência do renascimento urbano e de outros fatores, cresceu o número de Universidades na Europa, muitas baseadas nos estudos de Teologia, e assim, além da Universidade de Paris, na França, apareceram a de Valladolid e Salamanca na Espanha, a de Coimbra, em Portugal, a de Cracóvia, na Polônia, a de Viena, na Áustria, a de Budapest, na Hungria, as de Oxford e Cambridge, na Inglaterra, as de Berlim, Munique e a de Bonn, na Alemanha e, bem assim, a de Bruxelas na Bélgica, as de Goteborg e Estocolmo, na Suécia, a de Helsinki, na Finlândia, a de Lausane na Suíça, e as de Kharkov, Kazan e São Petersburgo na Rússia.

Nas Américas, além das Universidades de Harvard, Yale, Princeton, Colúmbia, nos Estados Unidos, surgem no século XIX as Universidades de Buenos Aires, na Argentina, a de Antioquia, na Colômbia, as de La Paz e Cochabamba, na Bolívia, assim como a de Havana, em Cuba, Santiago do Chile, no Chile, a Nacional do Paraguai, a de Guaiacuil no Equador. Isso sem falar das Universidades de São Domingos e de São Marcos de Lima que vêm desde o período colonial. No México, a antiquíssima "Real e Pontifícia Universidade" do Méxi-

co transforma-se, já no século XX, em Universidade Nacional do México.

E no Brasil, ainda no século XIX, com D. João VI, ao aqui chegar como Príncipe Regente, várias escolas superiores foram criadas. Com D. Pedro I, fundaram-se os cursos jurídicos em São Paulo (1827) e Olinda (1828).

Porem, até a revolução de 1930, não existiam Universidades no Brasil, que só floresceram após a “Reforma de Ensino” de Francisco Campos, sendo a primeira delas fundada em 1934: a Universidade de São Paulo.

No Estado de São Paulo, até 1934, como escolas de ensino superior, só existiam faculdades isoladas, como a Faculdade de Direito, do Largo de São Francisco, esta de âmbito federal, dependendo inteiramente do Governo da União, e a Faculdade de Medicina, a de Veterinária, a Escola Politécnica, a Escola Agrícola “Luis de Queiroz” de Piracicaba, todas sob a égide do Governo do Estado, e a Escola de Farmácia e Odontologia, na cidade de São Paulo, e outra no interior, na cidade de Pindamonhangaba, ambas de reconhecimento federal, porem pertencentes a particulares.

Quanto às Faculdades de Filosofia, existiam duas, particulares, uma, antiga, católica, funcionando junto ao Mosteiro de São Bento, no Largo do mesmo nome, e outra, surgida logo após a Revolução de 1930 — a Faculdade Paulista de Filosofia e Letras — criada por uma plêiade de intelectuais, a saber: Alfredo Ellis Junior, Antônio Picarolo, Hermes Lima, André Dreyfus entre muitos outros, e que funcionou, à noite, em dependências do Instituto Caetano de Campos, na Praça da República, e que desapareceu com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Entretanto, de há muito, sentia-se, entre os que se preocupavam com o futuro do país, no setor de ensino, a necessidade de alargar os horizontes para os jovens, eis que, as escolas superiores de ensino, eram especialmente voltadas para a formação de profissionais, sem cuidar, com exceção de alguns professores, de uma formação mais humanística, universal.

Com as possibilidades, decorrentes da “Reforma de Ensino” de Francisco Campos, o Governador do Estado de São Paulo, na época o Dr. Armando de Salles Oliveira, assessorado por um grupo de elite, que se preocupava com o problema, distinguindo-se entre outros, Theodoro Augusto Ramos, Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo, Almeida Júnior, em 1934, fundou a Universidade de São Paulo

(1), criando e nela entrosando, a primeira “Faculdade de Filosofia” oficial do Brasil (2).

Dest’arte, com a fundação da Universidade de São Paulo, nela se integrou a maioria das Faculdades e Escolas Superiores já existentes no Estado de São Paulo. Assim, como integrantes da Universidade ficaram: a Faculdade de Direito — houve um convênio com o Governo Federal, principalmente quanto a “direitos” de seus professores — a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Medicina Veterinária, a Escola Superior de Agricultura “Luis de Queiroz” de Piracicaba, e, em especial, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sem a qual, segundo seus fundadores, não poderia existir uma verdadeira Universidade.

Para a Faculdade de Filosofia, de início, foi nomeado para dirigi-la o insigne Prof. Theodoro Augusto Ramos, catedrático da Escola Politécnica, que, de acordo com o Governador Armando de Salles Oliveira e seus assessores, empreendeu viagem à Europa, onde foi buscar para as principais cadeiras da novel Faculdade professores renomados, na França, na Alemanha, na Itália, em Portugal, de onde vieram entre outros, Pierre Defontaines, Émile Coornaert, Émile Borne, Garric, Reimboldt, Heinrich Hauptman, Rawitscher, Di Falco, Giacomo Albanese, etc.

Para a sub-seção de Geografia e História, Defontaines e Coornaert foram substituídos, em 1935, por Pierre Monbeig e Fernand Paul Braudel, que tanto contribuíram para a implantação do ensino da Geografia e História em moldes modernos. Em 1935, tivemos ainda novos professores: Afonso d’Escragnole Taunay (História do Brasil), Plínio Ayrosa (Etnografia e Língua Tupí-Guaraní) e para História Americana, foi convidado e aceitou o Prof. Paul Vanorden Shaw, dos Estados Unidos.

Os primeiros alunos.

Ao se iniciarem em 1934, os diversos cursos, houve exame vestibular, ao qual acorreram muitos interessados, além da matrícula, como era previsto no edital de exame, de portadores de diplomas ou alunos de escolas superiores. Como consequência, acorreram também, matriculando-se, intelectuais de escol, como por exemplo: Caio Prado Júnior, Júlio de Mesquita Filho, Cesarino Júnior, Dr. Souza Lima (Secretário da Viação), que buscavam prestigiar a nova Faculdade, assim como procuravam conhecer a equipe realmente famosa de profes-

(1). — Decreto estadual nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934.

(2). — *Idem*.

sores estrangeiros, que chegara. É bem verdade que a maioria deles frequentou a Faculdade durante pouco mais de um ou dois anos, apenas para se porem em contacto com as últimas novidades científicas trazidas da Europa, porem, um núcleo respeitavel continuou até o fim, e que, com os que se submeteram aos vehtibulares, constituiram

A primeira turma.

Esta primeira turma, que terminou o seu curso em 1936, foi fruto de esforços conjugados de alunos brasileiros e mestres estrangeiros e brasileiros, e muitos se destacaram em suas especialidades, tornando-se pesquisadores, e, mesmo, posteriormente, com a volta de alguns professores estrangeiros para seus países de origem e com o natural desdobramento das cadeiras, transformaram-se — através de concursos de títulos e provas — em professores catedráticos da Faculdade em que estudaram.

Desses destacamos: João Cruz Costa (Filosofia), Cândido Lima da Silva Dias (Complementos de Geometria e Geometria Superior), João Dias da Silveira (Geografia Física), Astrogildo Rodrigues de Melo (História da Civilização Americana), Eurípedes Simões de Paula (História da Civilização Antiga e Medieval), Mário Schenberg (Física Teórica e Matemática), Fernando Furquim de Almeida (Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática), Lívio Teixeira (História da Filosofia).

Mais ainda. A nomeação de Diretores da Faculdade era prerrogativa do Governo de Estado, até que, com a instalação da Congregação da Faculdade em 1941 (3), coube a esta, apresentar uma lista tríplice de nomes de professores catedráticos efetivos, para que o Governo escolhesse entre eles o Diretor da Faculdade.

Até essa época, nomeados livremente pelo Governador do Estado, foram seus diretores os ilustres professores: Theodoro Augusto Ramos (1934), catedrático da Escola Politécnica, que selecionou, através de sua viagem à Europa, a gama de ilustres professores estrangeiros, mas que realmente não chegou a exercer o cargo, por ter ocorrido seu falecimento; Antônio de Almeida Prado (1934-1937), catedrático da Faculdade de Medicina; Ernesto de Souza Campos (1937-1938), catedrático

(3). — A instalação, presidida pelo Prof. Fernando de Azevedo, deu-se a 7 de agosto de 1941, em decorrência do Decreto Estadual nº 12.038, de 1º de julho de 1941 que a constituiu. Cf. Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1939-1949). Volume I, p. 413.

da Faculdade de Medicina; Alexandre Correa (1938-1939, catedrático da Faculdade de Direito; Alfredo Ellis Júnior (1939-1941), que depois tornou-se professor catedrático de História da Civilização Brasileira, por concurso, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; L. R. Anhaia Melo (1941), catedrático da Escola Politécnica; Fernando de Azevedo (1941-1943), catedrático de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Em 1947, terminado o prazo (3 anos) do Diretor dessa época, o saudoso e eminente professor André Dreyfus, procedeu-se a eleição, com cerca de 60 professores entre brasileiros e estrangeiros, tendo sido um dos eleitos e nomeado o Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, licenciado que era pela primeira turma da Faculdade. Três anos mais tarde, pelo mesmo processo, foi eleito e escolhido, por três mandatos consecutivos (1950-1958), o Prof. Eurípedes Simões de Paula, que foi reconduzido de 1968 a 1972 e está atualmente na Direção da Faculdade.

Era a vitória da chamada “ala jovem” da Congregação. Era a vitória da própria Faculdade de Filosofia.

Conclusão.

E assim, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fundada em 1934, não traiu as esperanças de seus idealizadores e fundadores.

Sem sede própria, suas aulas foram ministradas, a princípio, em dependências da Faculdade de Medicina, na Avenida Dr. Arnaldo e na Escola Politécnica (Física e Matemática).

Crescendo e expandindo-se, como não podia deixar de ser, o Governo viu-se obrigado a adquirir (1938) um prédio na Alameda Glete, onde instalou os cursos de “Ciência pura”. Os de Ciências Humanas, depois de sair da Faculdade de Medicina, instalaram-se, provisoriamente, num prédio que posteriormente foi demolido para ser instalada a Biblioteca Municipal e, passando alguns meses, na Alameda Glete, acabou por fixar-se em 1939 no 3º andar da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República. A secção de Letras funcionou num prédio da Rua São Luiz, pertencente ao embaixador Macedo Soares. A secção de Matemática instalou-se, por sua vez, na rua Alfredo Ellis.

Com o advento do Governo do Dr. Adhemar Pereira de Barros, instado este a resolver o “caso” da instalação definitiva dos cursos de Ciências Humanas, adquiriu, em 1949, um prédio na Rua Maria Antônia (nº 294-310), um edifício pertencente ao eminente educador, Prof. Antônio de Sampaio Dória, onde anteriormente, funcionara parte de um estabelecimento de ensino — o Liceu Rio Branco — que. refor-

mado e remodelado inteiramente, acolheu por cerca de dez anos (até 1968) os Cursos de Letras, de Ciências Humanas, os de Matemática e algumas cadeiras de Secção de Física.

Daí, com o crescimento cada vez maior da Faculdade, e à medida que o Governo do Estado edificava e multiplicava edifícios na Cidade Universitária, para lá foram, a pouco e pouco, se instalando os diversos cursos da Faculdade, até que, com a Reforma Universitária (4), passou a ser designada como Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, com a separação de vários de seus cursos, transformados em: Faculdade de Educação e Institutos de Matemática e Estatística, de Física, de Química, de Psicologia, de Bio-ciências e de Geo-ciências.

Assim, o sonho e o ideal de um pugilo de intelectuais paulistas tornou-se realidade e, hoje, a Faculdade de Filosofia é realmente famosa e reconhecida internacionalmente, graças aos seus alunos e ex-alunos que pontificam em todos os ramos da Ciência.

* *
*

ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO. — Natural da cidade do Rio de Janeiro. Fez seu Curso de Humanidades em Santos. Diplomou-se em 1927 pela Faculdade de Farmácia e Odontologia, depois incorporada à Universidade de São Paulo. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1936) pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Licenciado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1936) da Universidade São Paulo. Doutorou-se em Ciências (História) em 1942, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com a tese: *A política colonial de Espanha através das "encomiendas"* (Boletim História da Civilização Americana nº 1. FFCL/USP. 1943). Professor catedrático de História da Civilização Americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, por concurso de títulos e provas (1946), tendo apresentado a tese: *Os "serviços pessoais" nas fainas agrícolas em Nova Espanha* (Boletim História da Civilização Americana nº 3. FFCL/USP. 1946). Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1947-1950). Aposentou-se em 1967.

(4). — Portarias GR. nº 1.023 e 1.024, de 15 de janeiro de 1970.